



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **ESTÉTICA LITERÁRIA NA ESCOLA: UM INCENTIVO ÀS PRÁTICAS DE LEITURA**

Judson Medeiros Alves (1); Aline Zorzi Schultheis de Freitas (2); Sandra Santos da Costa (3); Ana Paula Batista Lopes (4); Robson Fonseca Simões (5)

*1) Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas, Campus Lábrea, Mestrando da Universidade Federal de Rondônia judyson\_alves@hotmail.com. 2) Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas, Reitoria, Mestranda da Universidade Federal de Rondônia, alineschultheis@hotmail.com. 3) Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas, Campus Humaitá, Mestranda da Universidade Federal de Rondônia, costa.sandra2011@gmail.com 4) Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas, Campus Humaitá, Mestranda da Universidade Federal de Rondônia, paullapvh@hotmail.com 5) Professor da Universidade Federal de Rondônia, campus Porto Velho. Docente do MEPE/UNIR, Mestrado Profissional em Educação Escolar, fonsim2000@hotmail.com.*

### **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo descrever os passos de uma oficina de leitura proposta por Daniel Cassany e sugerir determinados paradigmas, com os quais se pode efetuar uma análise de determinada obra literária, com o intuito de contribuir para um trabalho de formação de estudantes do ensino médio incentivando-os ao hábito de ler a partir das práticas que aqui serão relatadas. Nossa sociedade tem exigido de cada sujeito a internalização de um senso crítico que permita a ampliação de seus horizontes intelectuais de modo que possa erigir uma percepção ampla de temas, assuntos, costumes e conhecimentos distintos e relevantes. Nesse caminho, a leitura é uma condição fundamental para a compreensão do valor do saber historicamente construído pela humanidade, partindo deste ponto pretende-se fomentar uma discussão a respeito da literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Oficina. Critérios. Gosto. Literatura.

### **INTRODUÇÃO**

A leitura é um conhecimento construído de experiências únicas? Um desejo de viver? Na verdade, a leitura está relacionada não só a estes questionamentos, mas a inúmeros outros. O ato de ler é representado por meio da escrita, do som, da arte, dos cheiros. Cada leitor possui uma experiência própria, cotidiana e pessoal, tornando a leitura única, incapaz de se repetir, e este é o seu grande encanto.

Já a literatura é muito importante para o desenvolvimento do ser humano. Ela amplia a capacidade de abstração, a memória e a criatividade, ao mesmo tempo em que, para se adquirir uma



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

boa compreensão de um texto literário é necessário formar algumas habilidades, além de conhecimento de mundo. A capacidade de leitura e interpretação de um texto escrito.

No entanto o gosto pela leitura não é espontâneo, ele é formado a partir da educação nas próprias famílias. As crianças quando são incentivadas pelos pais à leitura, adquire ainda muito cedo, o gosto por essa atividade. Porém, aquelas que não tiveram o incentivo da família, comumente, terão que ser incentivadas a desenvolver esse gosto na escola. Nesse momento é necessário que o professor realize um trabalho contextualizado, que dê sugestões de produção que faça parte da realidade de seus alunos e que não fuja do mundo ao qual ele faz parte. O ideal é que os professores trabalhem esses conceitos de forma conjunta e não separadamente como acontece na maioria das escolas atualmente. Assim o aluno trabalha a leitura, sua capacidade de compreensão, e a partir do entendimento da leitura feita, ele consiga produzir seu texto, passando da condição de leitor a autor.

Porém, quais seriam as estratégias para possibilitar que os alunos, de ensino médio por exemplo, ampliem ou adquiram o hábito de ler livros de literatura? Responder essa questão é o objetivo desse artigo, o qual se utiliza de algumas técnicas sugeridas pelo escritor Daniel Cassany sobre como formar grupos de leitura; algumas noções que neste trabalho se chamará pelo nome de critérios de análise do gosto, baseadas em alguns critérios utilizados por escritores aclamados pela crítica.

## **METODOLOGIA**

Há diferentes maneiras de se ler um texto literário. Frequentemente lê-se despreziosamente. Apenas pelo fluir da leitura. Essa é a melhor maneira, do ponto de vista estético de se ler literatura. Lê-se pelo simples prazer de vivenciar a beleza. Quem assim o faz é porque já desenvolveu o gosto pelos livros. Geralmente esses leitores terão facilidade para passar da literatura, como aqui é abordada, para outros tipos, como a literatura filosófica e sociológica.

No entanto, aqueles que ainda não adquiriram o hábito necessitam aprender a gostar de um bom texto, tanto literário como de outras vertentes, para que, desta maneira, possam dar continuidade a outros estudos de forma satisfatória.

Ambos os casos podem ser trabalhados. Os que não têm formado o hábito pela leitura precisam adquirir com a própria atividade intelectual e, os outros, precisam aprofundar a leitura que



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

já o fazem e isso se dá a partir de técnicas que possibilitam a recepção de um texto, no caso, o literário.

Como metodologia serão utilizadas duas técnicas que podem contribuir para o desenvolvimento de alunos do ensino médio a adquirir o hábito de leitura: primeiro, a criação de uma oficina de textos; segundo, a formação de análise do gosto a partir de chaves de leitura que permitam a verificação e avaliação de um texto literário.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Daniel Cassany, no livro intitulado Oficina de Textos, desenvolve importantes contribuições que podem ser úteis para desenvolver o hábito de leitura em alunos do ensino médio. Embora o trabalho deste escritor não tenha sido desenvolvido para este público, pode ser usado, como ele mesmo ressalta: “[...] na Espanha costuma-se associar aos gêneros literários e à formação de escritores – literatos – ou à educação linguístico-literária no ensino médio”, (CASSANY, 2008 p. 76).

Este escritor propõe uma organização a partir de um grupo de trabalho que se encontre pelo menos uma vez por semana, onde o professor deve apresentar temas sobre os quais os alunos devem escrever. Esses encontros podem ser caracterizados a partir de três momentos.

Primeiro é o planejamento, que seria o momento no qual o professor expõe aos alunos um determinado texto, e este deve ser lido em grupo e analisado pelos membros observando minuciosamente os pormenores “Os alunos analisam conjuntamente a documentação, vislumbram as características que deve ter o texto-solução (estilo, conteúdo, estrutura, tom) e inclusive se pode começar a planejar (com um torvelinho de ideias ou um esquema deste).” (CASSIANY, 2008 P. 79).

Como se percebe a sugestão é trabalhar com a solução de problemas, no entanto, com alunos do ensino médio. Pode-se trabalhar um texto de um determinado gênero, para que se observe o estilo e assim elaborar outro texto na mesma modalidade.

O segundo passo é a textualização, que seria após a análise e exposição das observações a escrita por parte dos alunos, e de forma elaborada um texto no mesmo formato do que fora sugerido pelo professor: “[...] Os alunos escrevem o texto sozinhos ou em dupla, aproveitando o que foi dito em aula. Podem consultar o professor e entregar o texto antes da aula seguinte. Essa fase pode acontecer fora da aula.” (CASSIANY, 2008, P. 79).



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O terceiro passo consiste na revisão, que consiste na pontuação, a partir de ponderada leitura de todo material produzido pelos alunos, ressaltando os pontos relevantes e os que devem ser melhorados. “Primeiramente, o professor corrige todos os escritos, destacando os pontos fortes e os fracos; escolhe dois ou três textos, representativos e variados, e os copia para todo o grupo. A aula seguinte começa com o comentário dessas copias.” (CASSIANY, 2008, P. 80).

A partir destes passos pode ser feito a análise dos textos pelos próprios alunos levando em conta o ponto de vista da abordagem do autor, os pontos importantes destacados e aquilo que precisa ser melhorado. Trabalhar oficina de textos dentro de um grupo de leitura a partir da filosofia da arte é diferente de se trabalhar em um grupo de leitura de língua portuguesa, isso se evidencia pelos critérios de compreensão crítica que deve ser desenvolvido:

Uma das coisas que mais nos fascina é o entendimento, a compreensão daquilo que lemos. Quando compreendemos o que lemos, melhor degustamos, saboreamos com mais suavidade e mais enriquecemos o espírito. Para compreendermos as obras literárias, precisamos de uma fórmula que nos permita decifrá-las, (LOPES, 2014, P. 99).

Quando lemos ou ouvimos uma música emitimos julgamentos. Essa música é bonita, ou feia, boa ou ruim, gosto desse poema e assim por diante. Quem julga, assim o faz porque utiliza determinados paradigmas que permitem comparar com outras manifestações artísticas do mesmo gênero, embora nem sempre se tenha refletido a respeito.

A filosofia serve para pensar, entre outras coisas, sobre os critérios que permitem inferir sobre um determinado texto, de forma objetiva, o que caracteriza como sendo um texto de ou sem qualidade.

Tais critérios não podem ser rígidos. Uma das coisas que pode ser feita é selecionar critérios de um determinado autor ou de uma determinada corrente e a partir destas perspectivas analisar ou inferir juízos sobre o tipo de arte literária.

No caso da poesia pode-se observar três fundamentos. O primeiro seria a maneira com que o escritor escolhe as palavras. Qual o tipo de vocabulário que ele utiliza, simples ou vulgar. Para ficar bem claro observe o poema, Anjo Mau de Adélia:

*O que desejo é o corpo e não beijo.*

*O que desejo é o corpo e não toco.*

*Quando vem a dádiva Já tenho o lábio torto de irrisão*

*. Vai morrer, digo à boca.*

*Vai secar, digo à mão.*

*Bela como um arranjo,*



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

*uma força de danação*

*quer me perder. (PRADO, 2012, P. 71).*

Percebe-se o cuidado com que a escritora escolhe as palavras, dá a impressão que a mesma pensou com cuidado o uso que faria com cada uma delas. O escritor Ernest Hemingway, certa vez, reescreveu 28 vezes o mesmo parágrafo, por isso, ele ficou perfeito, digno de um Nobel de literatura.

O segundo ponto refere-se ao uso de metáforas e figuras de linguagens, neste sentido a segunda parte do poema, Combinações de Renato Rocha (2011, P. 57):

*Ouvidos piscam:*

*A lírica dos pirilampos*

*Cintila no céu do campo!*

O terceiro ponto, e não menos importante, dentro de um poema, é o sentido que ele adquire a partir da sintonia de suas rimas. Evidentemente que neste caso não é tão difícil visualizar este efeito, no entanto, quando se refere à poesia moderna que utiliza dos versos brancos nem sempre é fácil para se perceber este efeito, no entanto, acredita-se que Ferreira Gullar, no poema Em alguma parte alguma, seja uma expressão acabada:

*O poema*

*Antes de escrito*

*Não é em mim*

*Mais que um aflito*

*Silêncio. (GULLAR, 2010, P. 21).*

Mas que rima o poema de Gullar tem uma melodia que dispensa o uso da rima e ao mesmo tempo enche-se de sentido. Isso acontece porque as palavras escolhidas juntas formam uma melodia.

A partir destes pontos, que poderiam muito bem ser outros, é possível avaliar de forma objetiva um poema, claro que quando se define critérios os mesmos terminam sendo utilizados como modelos e desta maneira excluindo o que não se adequa, no entanto, é preciso ter bem claro que a pretensão não é esta, mas apenas escolher parâmetros de onde se possa efetuar uma discussão.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Quando se fala em contos, estes critérios descritos acima podem ser utilizados, no entanto, podem ser ampliados. Para analisar contos podem ser acrescentados mais três pontos: O primeiro ponto seria a introdução, o primeiro parágrafo. Os bons contistas precisam elaborar um parágrafo que cativa o leitor no primeiro contato. Como pode ser evidenciado no conto O homem que morreu:

Retornei da city por volta das três horas naquela tarde de maio, bastante insatisfeito com a vida. Fazia três meses que estava na Inglaterra e já me sentia enfastiado. Se alguém me dissesse um ano antes que estaria me sentindo assim, eu riria do sujeito, mas aquela era a verdade, (BUCHAN, 2011, P. 09).

Este início desperta o leitor curioso e o incita a levantar muitas perguntas a respeito do conto, as quais necessitará percorrer a leitura para descobrir. Que *city* para onde? Que lugar é este que se encontra agora? Por que se sentia fatigado na Inglaterra? Se antes era feliz porque se encontra triste agora? O que aconteceu? Um bom início deve fisgar o leitor, convidá-lo a fazer uma viagem.

O segundo ponto é cativar o leitor através das palavras, isso se dá a partir do uso dos conectivos. Dosar as surpresas como quem lança pedacinhos de pão o longo do caminho e à medida que os pássaros encontram os pedaços sempre sentem o sabor mais intrigante do paladar. As novelas fazem isso muito bem com o gancho, a última cena desperta tanto o interesse do leitor que ele vai contar as horas para o próximo capítulo. Na literatura, esse recurso é utilizado com maestria em Nelson, no conto Narciso às avessas:

Amigo, não sei se vocês se lembram de Onestaldo. Era meu único amigo de infância, no momento em que não há amigos de infância. Perguntarão vocês: “Além de amigo de infância, o que mais era o assim chamado Onestaldo?” eu direi: - Era um Narciso às avessas. Se vocês não entenderam, vamos lá. (RODRIGUES, 2013, P. 33).

O início do conto desperta o interesse do leitor, no entanto, a frase seguinte do parágrafo convida o leitor para continuar. Quando ele diz. “Vamos lá”, significa que o autor está apontando para algo que deve ser percorrido para ser descoberto.”

O terceiro ponto é o elemento surpresa, o desfecho tem que ser a recompensa de quem percorreu o caminho, como que a abrir um presente que esperava a bastante tempo.

Murilo Rubião tem no conto: Teleco, o Coelhoinho, conta a história de um moço que encontra o coelho e leva o animal para morar em sua casa, O bicho tem a capacidade de se transformar em outros animais.

O coelho é muito traquino, por isso, a relação dos dois gera conflitos. No final, o autor fecha a história do seguinte modo:

Na última noite, apenas estremeia de leve e, aos poucos se aquietou. Cansado pela longa vigília, cerrei os olhos e adormeci. Ao acordar, percebi que uma coisa se transformava nos



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

meus braços. No meu colo estava uma criança encardida, sem dentes. Morta, (RUBIÃO, 2010. P. 59).

O bom escritor é aquele que possibilita àqueles que o lê serem despertados na primeira página, incentivados a cada parágrafo a perseverar na leitura até encontrar a surpresa revelada no desfecho da última página.

## CONCLUSÕES

A leitura é instrumento de apropriação do conhecimento, é ferramenta que permite aprender a aprender, configurando-se como uma atividade de ensino que envolve todas as áreas, por isso, criar o hábito de leitura é fundamental para o desenvolvimento do ser humano. Grande é a importância de desenvolver estas habilidades em todos os alunos, principalmente os do ensino médio. No entanto, nem sempre é fácil encontrar técnicas que garantam o sucesso de tal prática.

Criar um ambiente de leitura é o primeiro passo, é o que propõe Daniel Cassany, através da proposta de um grupo de leitura no qual se possa, através de textos fornecidos pelos professores, propiciar aos alunos a leitura, discussão e elaboração de textos, a partir de tais exemplos. Dentro de toda uma sociedade, de uma cultura, não podemos esquecer, que a peça fundamental de todo este processo, primeiramente, somos nós. Ler também faz parte de um contexto pessoal. Temos que valorizá-lo para podermos ir além. Cabe ao professor estimular seus alunos através de ferramentas que os motivem a descobrir a importância do ato de ler.

Além desta proposta, trazer critérios de análise do gosto literário e a partir deste pressuposto gerar discussão sobre a arte, visto que, quando se lê, costuma-se emitir julgamentos, da mesma maneira que se costuma fazer quando se ouve uma música ou assiste-se a uma novela, contudo, nem sempre se reflete sobre os paradigmas que modelam tais análises.

Desta maneira, a partir da criação de grupos de leitura e da utilização de critérios de análises do gosto, espera-se contribuir para o incentivo a leitura de alunos do ensino médio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUCHAN, John. **Os trinta e nove degraus**. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

CASSANY, Daniel. **Oficina de Textos**. Porto Alegre: Artimed, 2008. P. 128.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GULLAR, Ferreira. **Em alguma parte alguma**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2010.

MORAES, Vinicius. “**Antologia Poética**”, Editora do autor, Rio de Janeiro, 1960, pág. 96.

LOPES, Ronilson. **Análise do tempo na literatura em: ‘Seis passeios pelos bosques da ficção’**, de Umberto Eco. Horizonte Teológico, edição 1, 2014, pág. 149.

NELSON, Rodrigues. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. P. 133.

PRADO, Adélia. **A duração do dia**. Rio de Janeiro: Record, 2012, P. 103.

ROCHA, Renato. **Poemas de ouvido**. Rio de Janeiro: Ponteiro, 2011, P. 106.

RUBIÃO, Murilo. **Obra completa**. 5ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, P. 227.